

# Grades

(Capítulo da ALFAIA AGRÍCOLA PORTUGUESA, em preparação)

POR

Fernando Galhano

(Do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular)

---

## INTRODUÇÃO

A grade é um instrumento agrícola utilizado para desterroar os campos depois da lavoura, para arrancar ervas daninhas e alisar a terra depois das sementeiras. É um aparelho relativamente simples, muitas vezes todo de madeira, e usado no país inteiro. Embora sob o aspecto histórico não tenha a grade o mesmo interesse do arado, razão porque se lhe não tem dedicado a mesma atenção, o seu estudo, como o das outras alfaias agrícolas, e o da sua distribuição cartográfica podem ajudar a resolver muitos problemas culturais, até hoje obscuros. De acordo com o plano do Atlas de Etnografia Portuguesa elaborado pelo Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, procuramos estudar as grades portuguesas actuais, dividi-las em vários tipos e fazer a sua localização num mapa cego. A carta das grades adiante reproduzida representa, portanto, o segundo mapa do Atlas, a que se seguirão outros já em elaboração no Centro.

A falta de material comparativo de outras regiões da Europa não nos permite apontar possíveis relações de parentesco entre os nossos tipos e outros tipos mundiais. Deixaremos esse traba-

lho a outros. De momento parece-nos mais importante arquivar o que existe no país e se vai perdendo aos poucos, pois desde que os materiais se salvem será sempre tempo de fazer os estudos teóricos, embora estes ajudem sem dúvida a pesquisa de campo e contribuam para dar sentido aos trabalhos deste género.

Apesar da diversidade de formas que esta alfaia apresenta nas várias regiões do país, o nome de *grade* é quase o único usado pelo nosso povo para a designar. A palavra *grade* provém do termo latino *crate*, de que também resultou a palavra castelhana *grada*, usada no país vizinho para designar o mesmo instrumento. Os romanos costumavam desterroar os campos depois de lavrados com a *grade* ou com o *raster*. Diz Adolfo Coelho: «a *ocaatio*, acção de quebrar os torrões depois da arada, fazia-se, como também já ficou documentado por um passo de Plínio, com a *crates* ou a *raster*» (1). Vemos, pois, que se usavam, então, dois instrumentos diferentes. A *crates* seria um aparelho semelhante à *grade* actual, enquanto que o *raster*, utensílio de quatro dentes e parece que manejado a braço, deve ter caído em desuso segundo a opinião de Ruy Mayer (2).

Para uma conclusão definitiva do assunto era preciso fazer estudos pormenorizados em todos os países. As vezes os mesmos instrumentos têm nomes diferentes, outras, sob o mesmo nome, as alfaias apresentam tipos muito diversos. Sucede também que processos considerados dos mais arcaicos existem ainda hoje em regiões onde se conhecem e empregam outros mais modernos. É o caso dos maços de desterroar que vimos empregar no concelho de Alcobaça. Segundo Ruy Mayer o desterroamento exe-

---

(1) Adolfo Coelho — *Portugália*, Porto, 1899-1903, 1.º, pág. 633.

(2) Ruy Mayer — *As Geórgicas de Vergílio*, Lisboa, 1948, pág. 183.

cutava-se em épocas ou regiões de grande atraso no que respeita às artes agrícolas, com um maço manejado a braço (1). Não se pode dizer que Alcobaça seja das regiões mais atrasadas do país, mas é certo existir ali este sistema arcaico de desterroar. A razão não está, muitas vezes, relacionada com o atraso geral da região. Acontece com frequência que depois de se terem experimentado processos modernos, se reconhece que um costume antigo prestava melhor serviço, e a ele se volta novamente. Tudo isto dificulta a interpretação dos factos e obriga a grande cautela na maneira de interrogar o povo, de modo a se evitarem generalizações perigosas para que quase todos pendemos.

Analisando os materiais colhidos nas várias excursões do Centro e arquivados nos seus ficheiros, pudemos determinar oito tipos de grades portuguesas ainda em uso. Estes tipos obedecem a modelos tradicionais usados há muito nas diferentes regiões. Para a sua determinação atendemos simplesmente à forma geral da grade sem nos preocuparmos com outros elementos, como seja a existência ou falta de dentes, etc. Isso será descrito ao estudar cada caso em pormenor. Excluimos, naturalmente, do quadro dos tipos as grades modernas fornecidas pela indústria.

Também não incluímos como tipo à parte a grade recolhida em Cinfães composta duma leve armação de madeira a que se prendem varas de carvalho ou de vide, e cujo uso parece vir de velhos tempos. Segundo a opinião de Félix Pereira as grades romanas «feitas de vime ou medronheiro» para alisar a terra devem ter sido semelhantes a grades como as de Cinfães (2), usadas por vários lugares da Beira. Reforça esta suposição a opinião de Garcia-Badell de que «la antigua grada no fui más

---

(1) Ruy Mayer — *Ob. cit.*, pág. 181.

(2) Adolfo Coelho — *Ob. cit.*, idem.

que una estrutura de madeira que llevaba entretejidos vimbres y cañas» (1). Na Galiza também se encontra uma grade para alisar a terra, o *canizo*, que é «um rectângulo tecido de varas» (2). Isto afirma a difusão deste processo de gradar. A convicção de ela ter sido muito usada na Beira em confronto com o seu pequeno uso actual (pelo menos do nosso conhecimento), e portanto a impossibilidade de localizar estas grades no mapa, levou-nos a não lhe atribuir um tipo à parte.

Uma vez determinados os tipos, localizámo-los na carta de Portugal, distribuindo os símbolos de maneira homogénea sem os fazer coincidir com os locais das recolhas. Também não documentamos o estudo com uma grade para cada concelho, como Jorge Dias tinha de início proposto para o Atlas de Etnografia, e como adoptou na carta dos arados. Os trabalhos de campo para a realização dessa carta e o melhor conhecimento do país que deles resultaram, levaram-no à convicção de que é absolutamente desnecessário pretender obter uma densidade dessa ordem. A homogeneidade de certas regiões permite que se trabalhe com todo o rigor desprezando a divisão concelhia. Conseguimos contudo uma densidade de casos que permite uma clara compreensão das áreas de difusão dos vários tipos.

Os casos isolados, que mais se podem considerar hoje como excepções dentro de áreas de tipo homogéneo, também não foram cartografados.

Estes casos esporádicos, bem como os casos de hibridismo serão descritos à parte por questão de método. Porém as áreas em que estes casos de hibridismo são mais frequentes, são marcados no mapa por zonas tracejadas.

---

(1) *La agricultura en la antigua Roma*, Madrid, 1951, pp. 89.

(2) *Terra de Melide* — Seminário de Estudios Galegos, Compostela, 1933, pág. 365.

Apresenta-se a seguir o quadro tipológico das grades com o número de cada tipo.

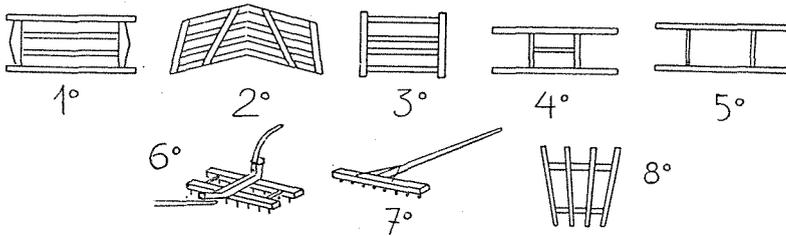


Fig. 1

### 1.º TIPO

Estas grades compõem-se de dois barrotos compridos, *banzos*, que formam com outros dois mais curtos, *testeiros*, uma armação rectangular. Entre os dois testeiros e a distâncias iguais encontram-se fixados mais dois banzos. Todas as ligações são bem espigadas, e a grade tem quase sempre bom acabamento de carpinteiro.

Os dentes estão espetados não só nos banzos, mas frequentemente também um a meio de cada testeiro e dispostos de modo a não deixarem espaço de terra por rasgar.

A ligar e a firmar os banzos há muitas vezes travessas ou tirantes de ferro, e os cantos da grade são, aqui e além, reforçados com *cantoneiras* de ferro. Estas cantoneiras são mais frequentes na Estremadura.

O eucalipto é agora muito empregado na sua construção. O carvalho e mesmo o castanho são usados nas regiões onde abundam. O próprio pinho serve em algumas terras; em Nelas por ex., preferem-no ao carvalho por este tornar a grade muito pesada para transportar.

As dimensões variam bastante. Em Albergaria das Cabras — Arouca — vimos grades com 1<sup>m</sup>,43 de comp. por 0<sup>m</sup>,87 de larg., e em Mafra com 2<sup>m</sup>,07 por 0<sup>m</sup>,96 (1).

Os banzos são armados de cutelo ou ao baixo, não havendo regiões definidas em que cada processo seja empregado. As suas secções vão de 0<sup>m</sup>,04 a 0<sup>m</sup>,65 de largura por 0<sup>m</sup>,65 a 0<sup>m</sup>,08 de altura. São casos raros os da Certã em que os banzos têm a secção de 0<sup>m</sup>,05 × 0<sup>m</sup>,05.

Os testeiros são poucas vezes de faces paralelas. O mais vulgar é alargarem a meio para o exterior da grade. A sua largura vai desde a mesma largura dos banzos até 0<sup>m</sup>,20 (Mazedo-Monção).

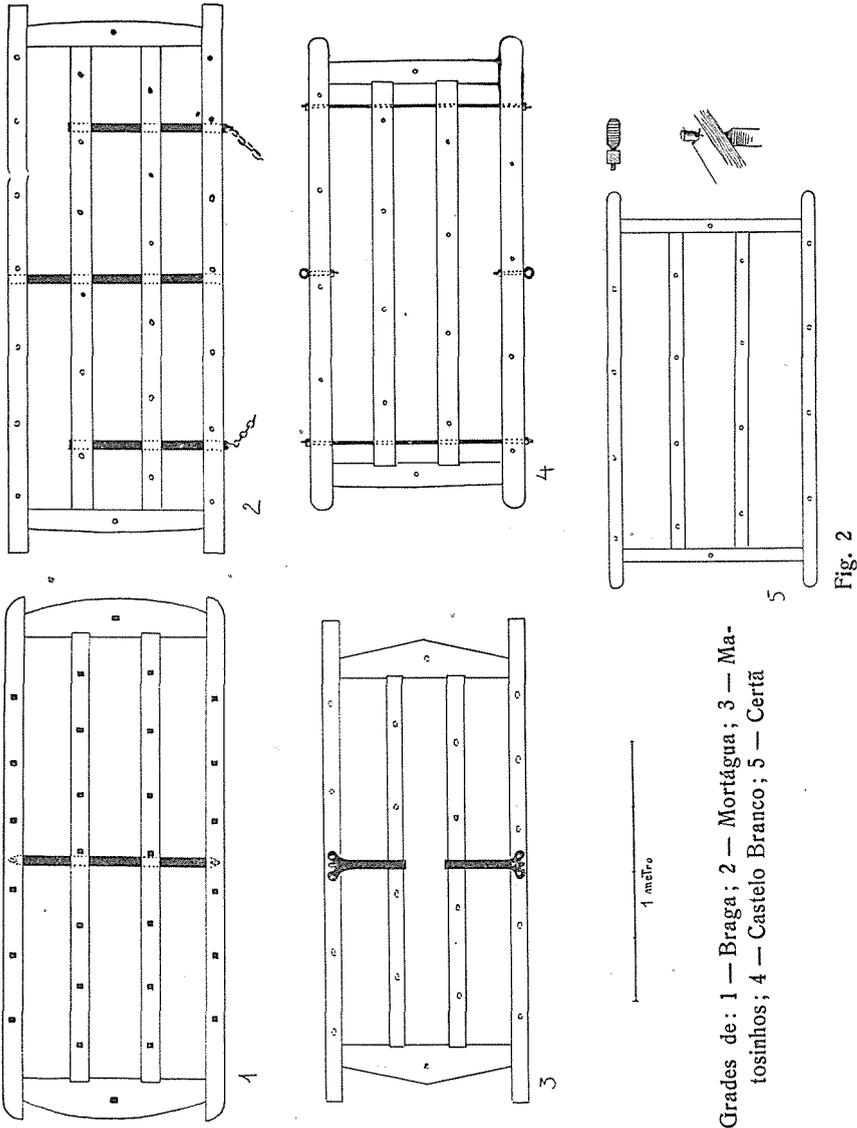
Os dentes deviam ter sido em tempos sempre de madeira, oliveira quando possível. Agora o ferro vai-a substituindo pouco a pouco (2). Os dentes de madeira têm a forma de facas de 0<sup>m</sup>,15 a 0<sup>m</sup>,20 de comp., com a larg. igual ou menor que a dos banzos onde estão espetados, e com o gume naturalmente virado na direcção da marcha da grade. São firmados com uma cunha de maneira idêntica à prisão dos cabos das enxadas no respectivo olho. Quando de ferro são uma lâmina; apenas por Condeixa e Pombal encontramos dentes de secção quadrada, inclinados para a frente, ao contrário da vulgar posição perpendicular. O uso destes dentes de secção quadrada tanto pode ser influência dos *tornos* das grades do Tipo 2, usados de Ourém a Abrantes, como

---

(1) É na região de Entre Douro e Minho que as dimensões são mais constantes: 1<sup>m</sup>,85 × 0<sup>m</sup>,75 em média. Isto explica-se pela semelhança das terras e práticas agrícolas e por ser sempre gado *vacum* que a puxa. Em Paramos-Espinho são bastante mais largas: 1<sup>m</sup>,60 × 0<sup>m</sup>,90. Pela Estremadura são geralmente grandes, com comprimentos superiores a 2<sup>m</sup>.

(2) Em Condeixa usam agora grades com dentes de ferro para desterroar seguidas de grades velhas com dentes de pau virados para o ar, a alisar a terra.

das grades empregadas na mesma região para tirar a felga da



terra, e das quais falaremos adiante. Para firmar os dentes de ferro espetam-nos muito apertados e têm então uma pequena

aba dobrada que entra num entalhe do banzo. Há também locais em que os rebitam sobre uma anilha, ou os apertam com uma fêmea. Na Certã vimos segurá-los com chavetas.

Em Guilhabreu — Vila do Conde — informaram que os dentes não são de todo espetados, batendo-os depois quando estão gastos. Cremos não ser isto frequente neste tipo de grades.

O número de dentes varia, naturalmente, com a dimensão da grade, sendo a distância média entre eles uns 0<sup>m</sup>,25 a 0<sup>m</sup>,30. É certo que em Valpaços, Alijó, Idanha, etc., têm as grades menor número de dentes. São contudo concelhos precisamente



Fig. 3

1 — Dente de ferro; 2 — Dente de pau

situados junto de zonas de grades doutros tipos, adaptadas possivelmente a um género de lavoura diferente.

Não são muito vulgares as grades deste tipo sem dentes. Uma zona em que isto acontece é a que se estende ao Norte do Porto, pelos concelhos da Maia e de Vila do Conde, onde alisam a terra com elas depois de desterroadas com as outras. Acontece ali serem frequentemente munidas de quatro dentes na sua parte central, para segurar-se melhor a pedra com que a carregam.

Na região de Entre Douro e Minho e pelo litoral da Beira é quase geral o uso da *travessa* a ligar os banzos a meio da grade. É uma simples prancheta de ferro terminada nas pontas por ganchos onde prendem, num o *cambão*, noutro o *tornadoiro* ou corda com que se levanta a grade para virar ou fazer largar a felga. Esta travessa é pregada aos banzos pelo lado dos dentes para se não romper quando a grade trabalha de costas, alisando a terra.

Por economia é por vezes substituída por um simples arame (ex. Oliveira de Frades). Fora desta zona é raro o uso da travessa, substituída às vezes de diversas maneiras, desde os *ganchos* de Matosinhos e Vila do Conde, aos tirantes de Loures e Cas-

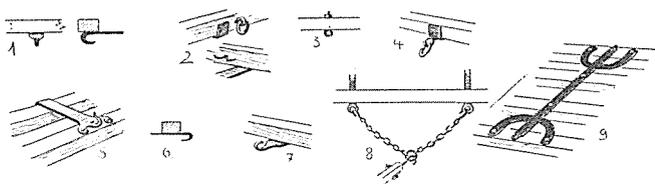


Fig. 4

Ganchos de: 1 — Priscos, Braga; 2 — Tecla, Celorico de Basto; 3 — Bragado, Vila P. de Aguiar; 4 — Aveiro; 5 — Pampelido, Matosinhos; 6 — Folhadal, Nelas; 7 — Paramos, Espinho; 8 — S. João do Campo, Coimbra; 9 — Vila do Conde

telo Branco de uso mais recente. O desenho mostra vários modelos de ganchos.

Em poucos sítios vai o homem que grada de pé sobre ela. Isto acontece pelo interior de Aveiro; em Albergaria-a-Velha a

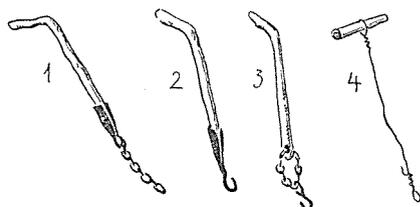


Fig. 5

1 — Tomadoiro, Braga; 2 — Raviadoira, Celorico de Basto; 3 — Aveiro; 4 — Solinho, Monção

própria travessa é pregada no lado oposto aos dentes, ao contrário da regra, para dar ao gradador melhor apoio; ele equilibra-se também com a ajuda do *rabeiro* de corda. O mais vulgar contudo é o gradador seguir a pé atrás da grade, agarrando com

a mão esquerda o *tornadoiro*, e com a direita a aguilhada. Este *tornadoiro* é um galho de árvore com um gancho de ferro na ponta, ou então uma simples corda ou arame que prende no gancho da grade e serve para a levantar quando a felga se acumula entre os dentes, ou quando é preciso voltar. Na Estremadura usam mais levantá-la com a enxada ou arelhada. Noutras terras abaixam-se e levantam-na com a mão (ex. S. João do Campo — Coimbra).

#### Distribuição e uso

As grades deste tipo usam-se por toda a área ao Norte do Tejo entre o mar e uma linha que vai de Chaves para o Sul, e chega, sem grandes desvios, ao Tejo no concelho da Idanha. Entre Vila Velha do Ródão e Ourém há também uma zona de grades diferentes. Como se vê, a sua área de difusão ocupa ao Norte toda a região da cultura do milho. Mas já no Sul ela abrange a Estremadura, onde o trigo é o cereal dominante. Do mesmo modo se verifica que ela tanto se emprega nos campos pequenos e em socalcos do Norte, como nos terrenos planos do litoral, como nas encostas e terras baixas da Estremadura. Se não é a qualidade dos cultivos, nem a configuração do terreno cultivado que caracterizam a área da sua difusão, há uma particularidade que é comum a toda ela: a falta de pousio; a necessidade duma terra mais mobilizada e a melhor preparação para as sementeiras.

Esta grade desterroa com os dentes virados para baixo, carregada geralmente com uma pedra ou com a pessoa que com ela trabalha. «De costas», isto é, com os dentes virados para o ar, alisa a terra e cobre a semente. É com ela também que arranham a terra para ferrãs, tremoço, etc. E em alguns locais da Beira Baixa usam atar-lhe ramos de árvore para *rascalhar* ou *enrascalhar* o trigo depois de nascido (ver pág. 134).

## Particularidades

Nos campos do Mondego, a jusante de Coimbra, e nas encostas a eles sobranceiras, costumam gradar empregando duas grades sobrepostas. São grades iguais às descritas atrás; a que vai por cima passa os dentes através da de baixo, que os não tem.

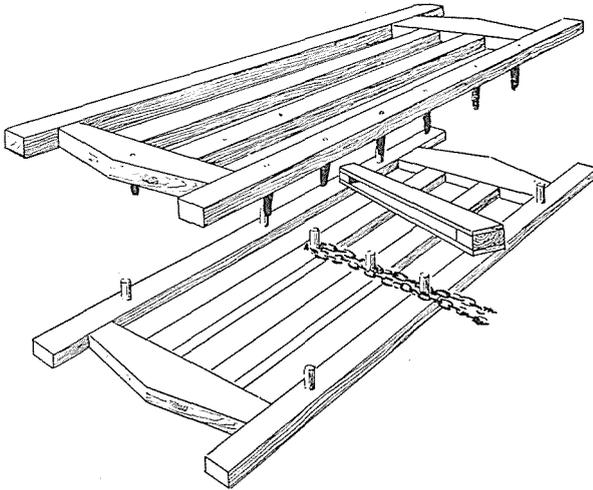


Fig. 6

Montemor-o-Velho

O espaço entre as duas grades é regulado pelos dois *cheios*, postos de cutelo ou de lado, penetrando assim os dentes menos ou mais profundamente na terra. A grade sem dentes tem uns tornos, os *tabelhões*, que ajudam a separá-la da de cima e servem de prisão à cadeia de ferro que a puxa.

No concelho de Santarém há grades com duas travessas a meio, que obrigam os banzos exteriores a manterem-se encurvados para o exterior. São assim mais largas a meio que nas extremidades.

Nomenclatura e dimensões de algumas grades do 1.º Tipo

LOCAIS	Testeiros	Banzos	Travessa	Tomadoiro	Comp.	Larg.
Albergaria-a-Velha — Angeja . . .	Testinhos	Banços	Travessa	—	1m,75	0m,75
Arouca — Albergaria das Cabras .	Cabeceiras	Travessas	—	Ciadôiro	1m,43	0m,87
Aveiro . . . . .	Testeiras	Banços	Travez	—	2m,05	0m,90
Braga — Priscos. . . . .	Testeiros	Tarugos	Travêso	Tornadôiro	1m,95	0m,80
Celorico de Basto — Tecla. . . .	Cabeças	Varais	Travêso	Raviadôiro	2m,05	0m,90
Condeixa — Egra . . . . .	Testilhos	Cabeiros	—	—	—	—
Espinho — Paramos . . . . .	Testinhos	Barrotes	Ciadouro	—	1m,60	0m,90
Gouveia — Nespereira . . . . .	Testeiros	Banços	—	—	1m,90	0m,75
Idanha — Relvas. . . . .	Cabeceiras	Banzos	—	—	1m,95	0m,75
Mortágua — Sobral. . . . .	Testeiros	Banzos	—	—	2m,10	0m,80
Matosinhos — Pampelido . . . .	—	—	—	Judouro	1m,75	0m,75
Moimenta da Beira — Cever . . .	Testas	Banços	—	—	1m,77	0m,70
Monção — Mazedo . . . . .	Testeiras	Balagustes	—	—	1m,95	0m,80
Nelas — Folhadal . . . . .	Testeiras	Vanços	—	Sacaniha	2m,10	0m,70
Oliveira de Frades — Vila Chã. .	Testeiros	Corrimões	—	Viadôira	1m,80	0m,80
Ribeira de Pena — Daivões . . .	Travessas	Vazeiras	—	—	—	—
Valpaços — Varges. . . . .	Testeiros	Banzos	—	—	2m,10	0m,75
Vila do Conde — Guilhabreu . . .	Testeiros	Chanços	—	Tornadôiro	—	—

## 2.º TIPO

As grades deste tipo são formadas por quatro *banzos* ou *vanzos* pregados a meia madeira ou espigados em dois *testinhos* ou *testeiras*. A meio da grade duas travessas convergentes ajudam a tornar o conjunto mais resistente, e oferecem melhor apoio ao homem que vai de pé sobre ela. O que caracteriza, porém, estas grades, é, além da convergência das travessas, o facto dos banzos não serem direitos, mas fazerem um ângulo mais ou menos aberto, com o vértice virado para a marcha da grade. Como, por vezes, os banzos da frente são mais curtos que os da retaguarda, as testeiras não são então paralelas, mas sim convergentes. Os *tornos* (dentes) são espetados só nos banzos e nunca nas testeiras como no caso anterior.

No geral os banzos não saem fora das testeiras (Tomar, Ourém). Em Almeirim, porém, são salientes. E em Abrantes só o são os banzos dianteiros, ajudando isso a safar-se a grade quando bate nas árvores. Esta explicação dada por um lavrador de Abrantes servirá também para explicar a forma angular da grade?

As *travessas* são pregadas sobre os banzos e têm convergências variáveis.

Os *tornos* são paus redondos de oliveira; é raro o uso de dentes de ferro. Quando isto sucede são sempre de secção quadrada, e cravados, como no Atentejo, com uma das arestas para a frente da grade. Estes tornos vão-se cravando mais, conforme o uso os vai rompendo.

As dimensões variam muito, mesmo dentro da mesma região, conforme o gado que o lavrador possui. Ao Sul do Tejo, pelo concelho de Abrantes, as grades de quatro banzos são tiradas por bois, enquanto que para machos as preferem com três

apenas. Em Ourém vimos grades grandes, com cerca de 2<sup>m</sup>,50 de comprimento, feitas de tábuas de pinheiro delgadas, algumas com

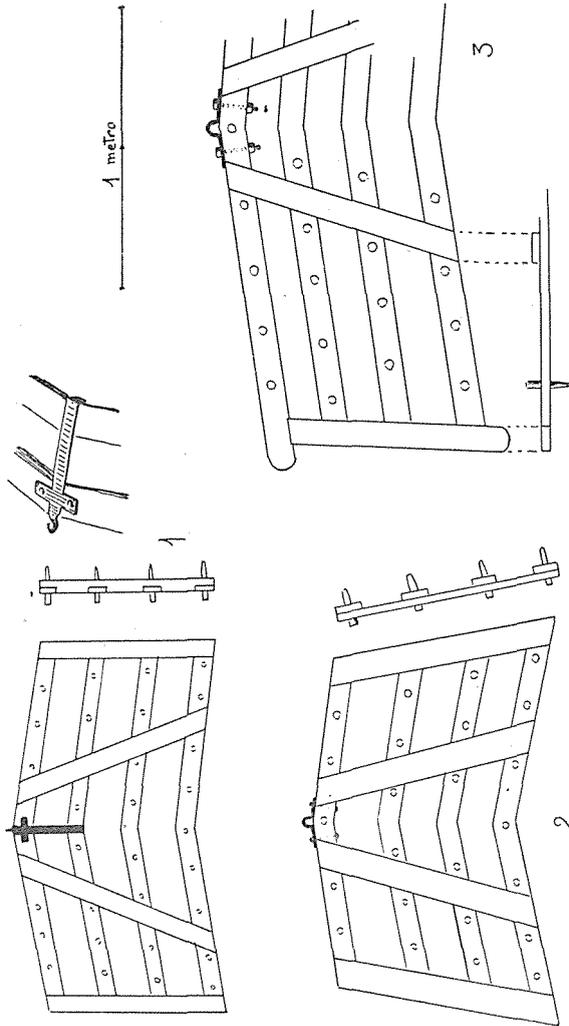


Fig. 7

1 e 2 — Tomar; 3 — Vale de Zeibro, Abrantes

pouco mais de 2<sup>cm</sup>. de espessura. Em Tomar vêem-se do mesmo tamanho, mas já mais pesadas, e outras pequenas, cujo banzo dianteiro não vai além de 1<sup>m</sup>,30. Nas herdades grandes da mar-

gem do Tejo, perto de Abrantes, há grades de azinho, que embora com 2<sup>m</sup>,50 de comp., são também de madeira delgada, apenas com uns 3<sup>cm</sup>. de espessura.

### Distribuição e uso

Grades deste tipo encontram-se pelos concelhos de Ourém, Tomar, Torres, Abrantes e Almeirim. Como influência delas ainda surgem as travessas convergentes nas grades de algumas terras vizinhas, já com banzos direitos.

Esta grade trabalha em geral terras, cuja mobilização é semelhante à das grades do 1.º Tipo. Não é fácil explicar a sua forma senão numa razão de ordem cultural. A facilidade que a forma em ângulo lhe dá para se safar das árvores, não nos parece ser explicação muito aceitável.

### 3.º TIPO

A grade do 3.º Tipo compõe-se de dois *testeiros* em que vão espigar quatro *travessas* (*travessas* ou *testeiros*, Moimenta—Vinhais; *paus*, Alfândega da Fé; *barras*, Rio de Onor—Bragança). É mais frequente não terem dentes, e quando os têm são de secção quadrada.

São por vezes grades muito robustas, tendo os *testeiros* em Rio de Onor—Bragança, 0<sup>m</sup>,16 de alt. por 0<sup>m</sup>,08 de larg. Tanto os *testeiros* como as *travessas* são armados de cutelo. A madeira mais empregada é o negrilho; também se encontram de freixo.

O homem que grada vai sempre sobre ela; por isso as duas *travessas* interiores são às vezes mais próximas uma da outra de modo a ele se poder sustentar melhor. Para o mesmo fim também firmam um pau verticalmente a meio da *travessa* da frente, a que o homem se agarra. Chamam-lhe *solta* (Moimenta—Vinhais),

*pau da cadeia* (Vilarinho da Cova de Lua — Bragança) ou *Tenedeiro* (Rio de Onor — Bragança). Este pau aparece também firmado pelo aperto da cadeia do cambão. O gradador pode ainda equilibrar-se agarrando-se a uma corda ou a uma *verga* presa à travessa dianteira.

São várias as maneiras de ligar o cambão à grade, como mostra a fig. 9.

Na de Rio de Onor vê-se a verga de carvalho torcida e passada entre o cambão e o *torno*, e cuja ponta serve de tene-

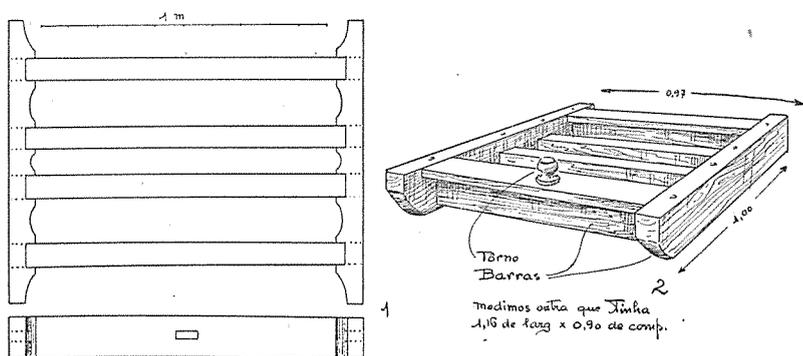


Fig. 8

1 — Cova de Lua, Bragança; 2 — Rio de Onor, Bragança

deiro, *tenedeiro de verga*. O cambão, *cambo*, *timãozela* ou *tamãozela* é ligado ao jugo por meio da *trasga*.

É vulgar ver-se o homem que grada trabalhar sozinho agarrando-se com a mão esquerda ao pau da cadeia e segurando com a direita a vara com que guia e anima o gado.

#### Distribuição e uso

Estas grades usam-se nos concelhos fronteiriços da orla nascente de Trás-os-Montes, desde Vinhais a Freixo de Espada à Cinta. Encontram-se também do outro lado da fronteira, na província espanhola de Zamora. Vimo-las iguais ou de 3 banzos desde

Puebla de Sanábria, a Figueruela, em Ungilde, Rio de Manzanas, etc. Krüger também as cita no seu estudo sobre a Sanábria (1).

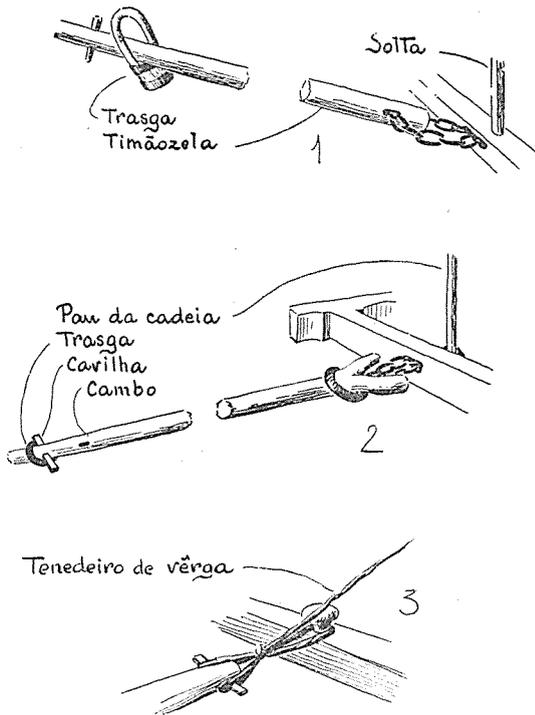


Fig. 9

Ligações da grade ao cambão: 1 — Moimenta, Vinhais; 2 — Cova de Lua, Bragança; 3 — Rio de Onor, Bragança

Estas grades empregam-se para desterroar terras de pão, mas apenas as planas e fortes. (Nas encostas o grão é coberto a arado sem gradagem prévia). É muito usada nas hortas e é com elas que em alguns sítios trilham a palha de centeio para alimento do gado.

(1) Fritz Krüger *Die Gegenstandskultur Sanabrias und seiner Nachbargebiete*, Hamburgo, 1925, pág. 288.

Também na ponta S. W. do Algarve vimos grades deste tipo, com quatro ou três travessas. Nunca chegam a ser pesadas como as trasmontanas, são de construção muito mais descuidada e todas as que vimos tinham dentes de ferro.

### Variantes

Surgem em alguns lugares (ex. Cisterna—Vinhais) grades com três travessas apenas. A sua construção, ligação ao cambão e trabalho que executam são iguais às descritas.

### 4.º TIPO

Esta grade é constituída por dois *banzos* compridos e um mais curto firmado entre dois *testeiros*. Geralmente os *banzos* exteriores são mesmo muito mais compridos que o interior.

Têm dentes apenas quando empregadas em terrenos fortes e aterroados, dentes sempre raros, muito afastados uns dos outros.

As dimensões variam bastante. Em Vilarelho da Raia—Chaves—têm  $1^m,60 \times 0^m,60$ , sendo a de dentes mais curta. Em Passos—Mirandela—medem  $1^m,05 \times 0^m,55$ . A secção dos *banzos*, usados quer de cutelo quer ao baixo, anda à volta de  $0^m,11 \times 0^m,06$ .

O gradador segue sempre sobre a grade.

### Distribuição

Este tipo usa-se na facha transmontana que vai de Chaves a Valpaços e Mirandela. Vimos grades bastante parecidas com estas em Oleiros, mas ignoramos a amplitude do seu uso.

**Variantes**

Em alguns locais da área transmontana citada aparecem grades com o banzo interior do mesmo comprimento dos exteriores (ex., Bouçoais — Valpaços). Isto é contudo muito raro; as

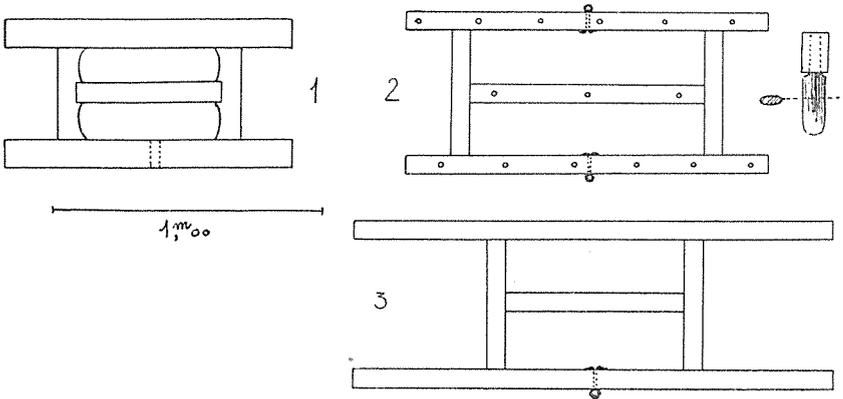


Fig. 10

- 1 — Mirandela, Passos — Grade sem dentes;
- 2 — Chaves, Vilarelho — Grade com dentes;
- 3 — Chaves, Vilarelho — Grade sem dentes

grades aproximam-se então das usadas pela Estremadura ao sul do Tejo, do tipo 5.

**5.º TIPO**

As grades deste tipo são constituídas por dois ou três grossos paus, as pernas (1), ligados por duas travessas de madeira mais delgada.

(1) No Alto Alentejo *bansos* ou *paus*.

As pernas, onde estão espetados os *dentes*, são geralmente toscas, e frequentemente encurvadas. A explicação mais vulgar

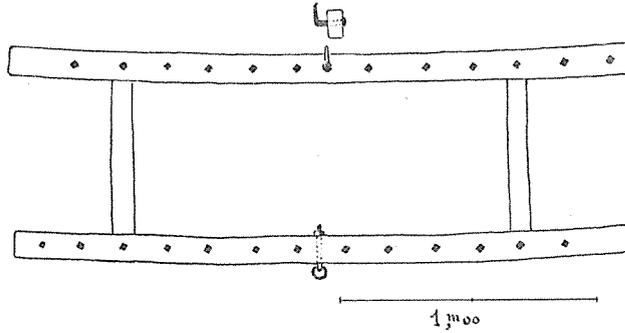


Fig. 11

Ferreira do Alentejo, Monte do Outeiro

desta curvatura é que o azinho de que são feitas raras vezes dá um traço direito.

Por quase todo o Alentejo se empregam grades de duas pernas. As duas travessas que as unem, dantes sempre de

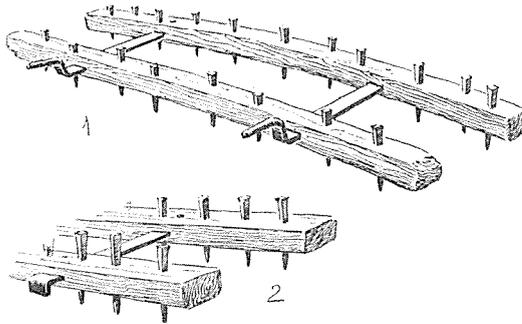


Fig. 12

Grades com travessas de ferro: 1 — Castro Verde;

2 — Beja, Monte da Almocreva

madeira, são agora muitas vezes de ferro. Essas lâminas são por vezes apenas fixadas na perna da retaguarda, e passam livremente através da perna dianteira. Assim as pernas juntam-se uma à outra quando a grade não trabalha, dando melhor transporte.

Nem sempre, porém, são duas as travessas. Em alguns concelhos, vizinhos de Elvas, são frequentes as grades de três ou quatro travessas, de madeira ou ferro.

As dimensões variam muito conforme o fim da gradagem, a terra e o gado que puxa a grade. Em Serpa, no Monte da Lobata, há-as com perto de 5 m. de comp., para os grandes

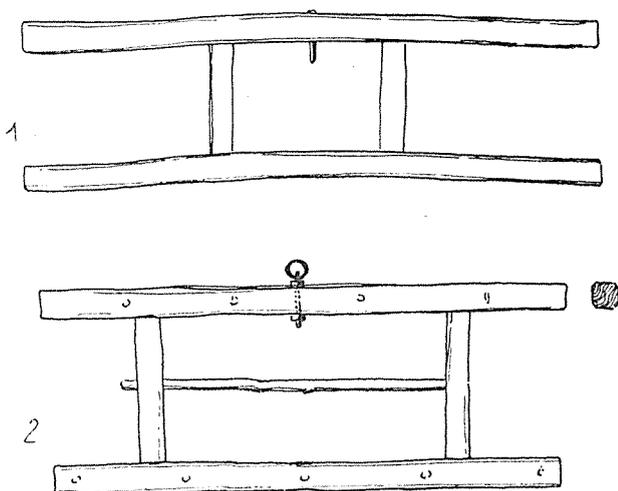


Fig. 13

1 — Hortas do Douro, Pesqueira; 2 — Pero do Moço, Guarda

alqueives, e outras com 2<sup>m</sup>,5 (e menos) para outras terras onde seja preciso desterroar melhor.

Na Serra do Algarve as grades são semelhantes às do Alentejo, mas mais curtas e toscas.

Os dentes são sempre de ferro, de secção quadrada, e vão-se cravando mais quando começam a ficar curtos pelo uso. Em terras soltas há algumas vezes grades sem dentes (1).

(1) Silva Picão — *Através dos campos*, Lisboa, 1947, pág. 232. «Grades com *dentos* ou *facas*... algumas nem dentes têm».

Também em toda a orla fronteira da Beira, desde a zona de difusão das grades do 1.º tipo até à raia, se encontram grades de dois *banzos* ligados por duas travessas. Como, porém, banzos e travessas são geralmente da mesma espessura, e o afastamento dos banzos é maior, o aspecto é aparentemente diferente.

Os dentes são aqui quase sempre de madeira, pouco numerosos. Lugares há em que se não usam; as grades com dentes trabalham então só em terras aterroadas ou com grama (ex. Soropez — Pinhel).

No Alentejo a união do cambão com a grade faz-se quase sempre por meio duma *argola* de ferro presa a meio da perna da frente. Este é também o processo que mais se vê pelo sul da Beira. Da Guarda para o norte encontram-se muitas grades com um torno de pau cravado horizontalmente no lado interior da perna, ao qual se passa o cadeado do cambão.

As grades de três pernas empregam-se na região estremenha e ribatejana, ao sul do Tejo. Foi talvez a necessidade de mais dentes pela maior abundância de ervas ruins nas terras baixas desta zona do país, que motivou a existência de três pernas. Usam-se também em um outro raro lugar do Alentejo (ex. Aviz). As pernas muitas vezes encurvadas, rudes e toscas como no Alentejo. São contudo frequentes as feitas de barrotes direitos e facejados, ligados por lâminas de ferro em lugar de travessas de pau.

Entre Lisboa e Setúbal vêem-se grades de 4 pernas, em vez das três do costume.

### Variantes

Em várias zonas do Alentejo existem grades mais pequenas e leves com que arranham o trigo nascido ou mexem a terra

para fava ou grão; são conhecidas por *rastilho* ou *grade para gradar semente*. São idênticas às outras, mas as que conhecemos eram todas de pernas direitas.

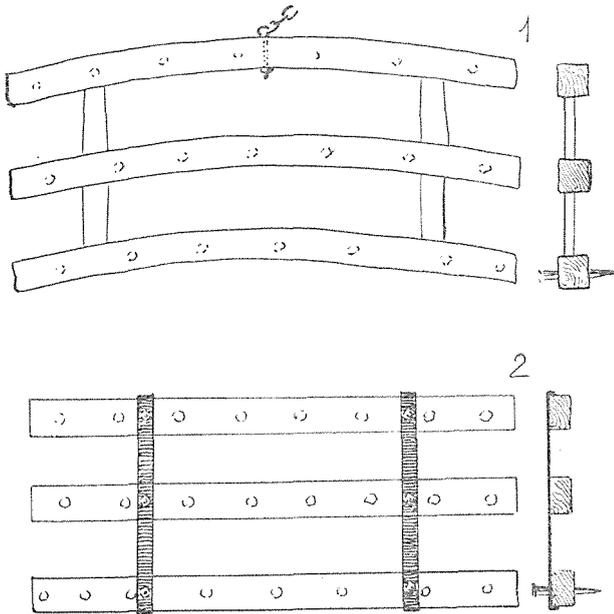


Fig. 14

1 — Marateca, Palmela ; 2 — Vendas Novas, Montemor-o-Novo

### 6.º TIPO

São pequenas grades do tipo atrás descrito, de pernas curvas ou direitas, sobre as quais se fixou, uma *garganta* a que prende, atrás, o *rabo* (Barrancos) ou *rabanejo* (Campo Maior), e à frente a *vara* ou *cabeça*. À perna da retaguarda é ligeiramente mais comprida que a da frente.

Na de Barrancos é flagrante a semelhança de pormenores e nomenclatura com o arado da região. O desenho dispensa a sua

descrição. É bom fazer notar, porém, a existência do *argolão* que

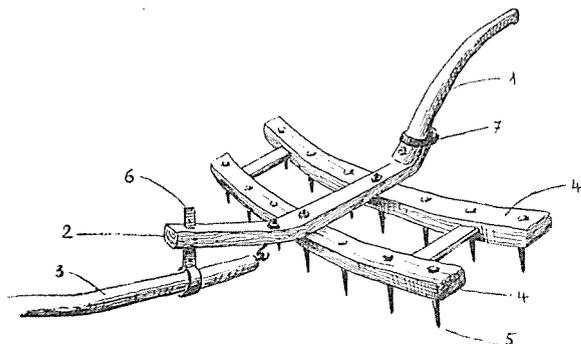


Fig. 15

Barrancos: 1 — Rabo; 2 — Garganta; 3 — Cabeça; 4 — Manas;  
5 — Dentes; 6 — Argolão; 7 — Argolão

obriga a grade a penetrar mais ou menos na terra. O comprimento das *massas* nunca vai além de 1<sup>m</sup>,40.

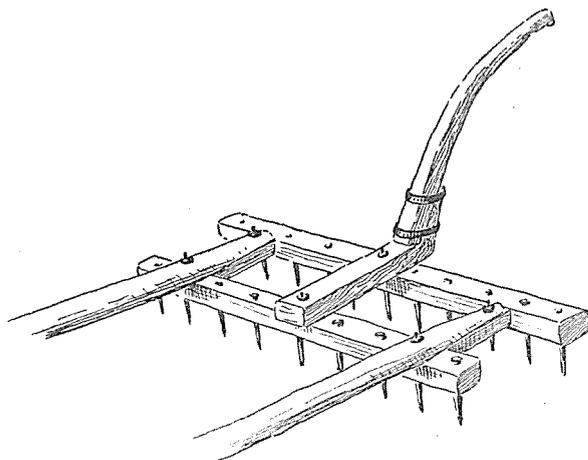


Fig. 16

Campo Maior — *Rastrilho*

São empregadas para todo o trabalho. Já na vizinha Vila de Mourão se usam apenas nas vinhas fazendo o restante a vulgar grade alentejana.

Em Campo Maior, as pernas são direitas. Além da *grade*, que é munida de uma *vara* ou *lança* para prender a parelha, usa-se o *rastrilho*, mais pequeno que aquela, e com dois *varais* para uma besta só.

Encontramos grades deste tipo nas duas saliências do território alentejano metidas pela Estremadura espanhola dentro, onde é corrente o seu uso. Jorge Dias viu ali o uso de duas rabiças; não sabemos se existe também em Portugal.

### 7.º TIPO

São constituídas por uma travessa com dentes de madeira, à qual está fixada uma vara comprida que vai prender ao jugo.

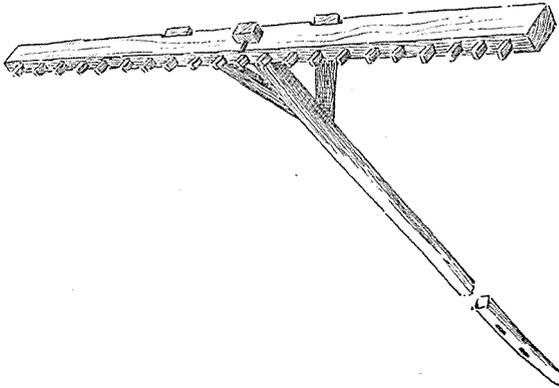


Fig. 17

*Rastrão de Miranda*

Esta travessa tem comprimentos variáveis, sendo bastante grande nos arredores de Miranda. Os dentes estão espetados numa só linha ou em 2 linhas muito juntas.

Em Sendim — Miranda — chamam-lhe *rastrão* e em Rio de Onor conhecem-na por *grade de gantchos* (1). Tem sobre a outra

---

(1) Jorge Dias — *Rio de Onor, comunitarismo agro-pastoril*, em conclusão.

a vantagem de poder ser transportada sobre o jugo do gado, dispensando assim o carro. O homem que grada vai sobre ela, segurando-se a um pau espetado no cambo, o *tenedeiro* (Rio de Onor).

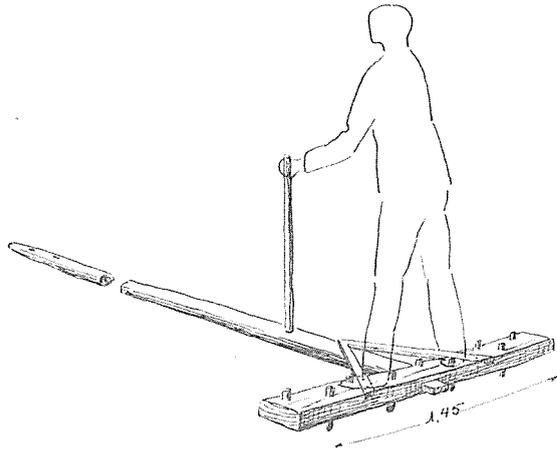


Fig. 18

Grade de Rio de Onor, Bragança

### Distribuição e uso

Encontra-se esta grade numa área muito limitada da ponta N. E. de Trás-os-Montes, pelos concelhos de Bragança a Miranda do Douro, na sua parte virada para Espanha. Vimos grades iguais na província espanhola de Zamora, em todo o percurso que fizemos com Jorge Dias, desde Puebla de Sanabria a Figueiruela; muitas com o *tenedeiro* espetado no cambo embora não estivessem em uso. Krüger faz-lhe também referência (1).

É empregada para gradar as hortais e os linhos, e para arranhar os batatais ao nascer.

(1) Krüger — *Ob. cit.*, pág. 288.

8.º TIPO

Têm a forma trapezoidal e são formadas por quatro *cabeiros* convergentes ligados por duas travessas delgadas. Os *dentes*, cravados obliquamente nesses cabeiros, são de ferro, e de secção quadrada, com uma face virada na direcção da marcha da grade.

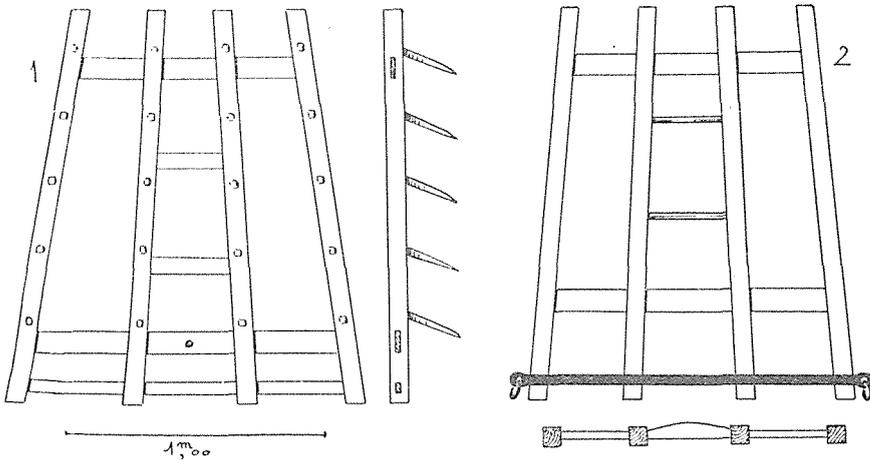


Fig. 19

1 — Montemor-o-Velho, Meãs; 2 — Outeiro do Louriçal

Ouvimos chamar-lhe *grade de cantos* (Montemor-o-Velho) para a diferenciar da *grade de facas*, do 1.º tipo, usada na mesma região.

Os dentes não cortam, pois a grade serve apenas para tirar a felga (ervas ruins). Emprega-se especialmente nos arrozais, mas também vai aos campos de milho. O homem segue sobre ela segurando-se ao *fugueiro*, pau espetado a meio da travessa dianteira. Para maior comodidade de quem grada, há muitas vezes pequenos barrotos ou paus redondos entre os cabeiros do meio.

A *cadeia* que liga a grade à *sola* (cambão) agarra uma travessa mais estreita, de madeira, ou prende nos olkais duma travessa de ferro, colocada na frente da grade.

Parece agora fugirem de gradar com ela, poupando-se ao trabalho. Em Condeixa, onde vimos pela primeira vez uma grade deste tipo, já desmantelada, falaram dela como objecto que poucos usam.

### Distribuição

Vimos destas grades nas terras baixas da foz do Mondego, pelos concelhos de Montemor, Figueira, Soure, Condeixa e Pombal; ignoramos se teria tido maior difusão (1).

## CASOS DE HIBRIDISMO

Nos limites de cada zona de difusão destas várias grades acontece, como é natural, aparecerem casos de influência mútua.

Nas grades do 1.º tipo as testeiras mais próximas uma da outra (ex. Moimenta da Beira), o menor número de dentes (ex. Valpaços, Alijó, Idanha), ou os dentes de ferro de secção quadrada (Condeixa, Pombal), devem ser influência de grades doutro tipo. Mas a mudança mais sensível é o desaparecimento dum dos banzos interiores. Ficam assim grades de três banzos, que se encontram na região barrosã e na facha da Beira que limita a área de difusão do 1.º e 5.º tipo, pelos concelhos de Moimenta da Beira, Cernancelhe, Trancoso, etc. Na Idanha aparecem juntas às de 4 banzos e são empregadas nas terras mais pedregosas. Em Castelo Branco surgem também grades de cinco

---

(1) Jorge Dias, encontrou uma semelhante numa velha Casa Grande na região de cultivo da cana do açúcar no Estado de Pernambuco.

banzos nas casas de lavoura maiores, sendo as de quatro banzos empregadas por pequenos proprietários que não têm gado possante, e são tiradas então por burros ou bezerros (1). Vêem-se grades de três banzos em Figueiró dos Vinhos.

Pelo Sul do concelho de Alvaiazere, em vez da travessa de ferro as grades têm as duas travessas convergentes do 2.º tipo.

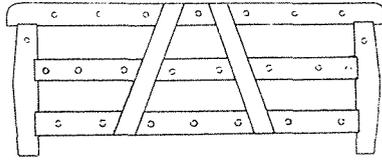


Fig. 20

Abrantes, Sul do Tejo

O mesmo acontece nas grades ao Sul do Tejo na região estremenha, entre Abrantes e Coruche, onde há grades híbridas, com três banzos do tipo 6, ligados por testeiros nas extremidades, e

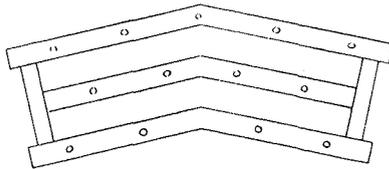


Fig. 21

Abrantes, Sul do Tejo

com as travessas convergentes do tipo 2 (2). Em Abrantes encontramos ainda outra forma de hibridismo reproduzida na fig. 21.

(1) Informação obsequiosa de Jaime Lopes Dias.

(2) Alberto Garcia—*Monografia de S.º António do Couso*, Lisboa, 1948, pág. 69 diz chamarem-lhe *grades cancelleiras* e serem munidas de dentes de medrãoho.

## CASOS PARTICULARES

Nas grandes lombas de xisto pulverizado de Fozcoa viu Jorge Dias grades grandes formadas de dois barrotes e quatro travessas. Têm no fundo o mesmo esqueleto das grades do tipo 3, também com a madeira armada de cutelo, mas as suas proporções são tão diferentes que nos parece preferível colocá-la como caso particular. Não é munida de dentes.

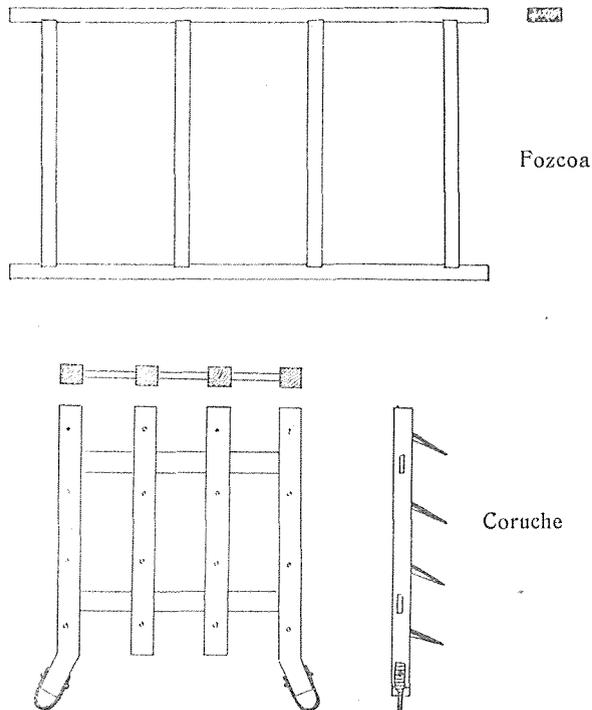


Fig. 22

Em Coruche empregam-se grades leves para serem tiradas por éguas. Trabalham muitas grades juntas, e sobre o chão aterroado os animais correm ligeiros dando voltas. A terra fica assim

marcada com curvas desordenadas. Não sabemos qual a amplitude do seu emprego.

Em Pias — Cinfães — encontramos a grade reproduzida na fig. 23. É uma simples e tosca armação de madeira a que atam varas de carvalho (1), e é empregada para alisar a terra depois dos torrões serem desfeitos à enxada. Este processo de desterroar à enxada era dantes muito mais usado, quando havia poucas grades. O mesmo deve ter acontecido em mais regiões do

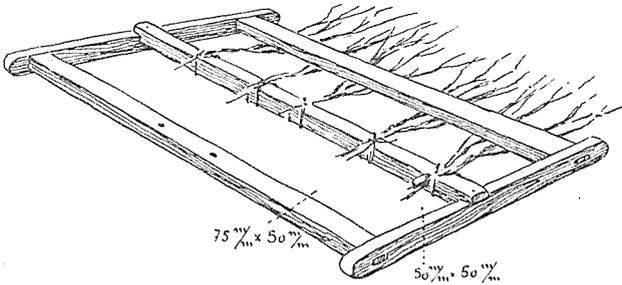


Fig. 23

Pias, Cinfães

Douro Litoral e do interior do Minho. Em Celorico de Basto, por ex. lambram-se também da grade ser muito menos vulgar que agora, mas não há ali memória de grades de varas como a de Cinfães.

Já nas Beiras parece ter sido frequente o seu uso. No dicionário de Cândido de Figueiredo vem o termo *rojão*, como: «grade

(1) O informador disse que antigamente, quando a poda longa das videiras permitia obter varas compridas, eram estas secas, mantidas direitas por pedras colocadas sobre elas; depois faziam *manchinhas* (molhos) que prendiam à grade. Não se compreende porque agora não conseguem obter varas como antigamente. As varas de carvalho devem ser agora empregadas por ser mais rápido o seu arranjo.

sem dentes, formada de um só caixilho, com ramos entrelaçados para aplanar a terra lavrada ou cavada». Também Ruy Mayer faz referência à semelhança que essas grades de vimes romanas teriam com as que se usam em algumas zonas da Beira Baixa, para executar o trabalho a que se dá o nome de *rascalhar* <sup>(1)</sup>. Sobre esta palavra, diz Jaime Lopes Dias: «*enrrascalhe*, costume relativamente recente, e praticado por alguns. O *enrrascalhe* ou *arrosalhe* consiste em fazer passar sobre o trigo já nascido uma grade tecida com ramos de árvore, que, sem danificar o cereal, muitas vezes o desponta, atarra ou arrendra, e destrói o ervacedo mau que espontâneamente brota da terra» <sup>(2)</sup>. Para isso usam a grade vulgar, à qual atam ramos de árvore.

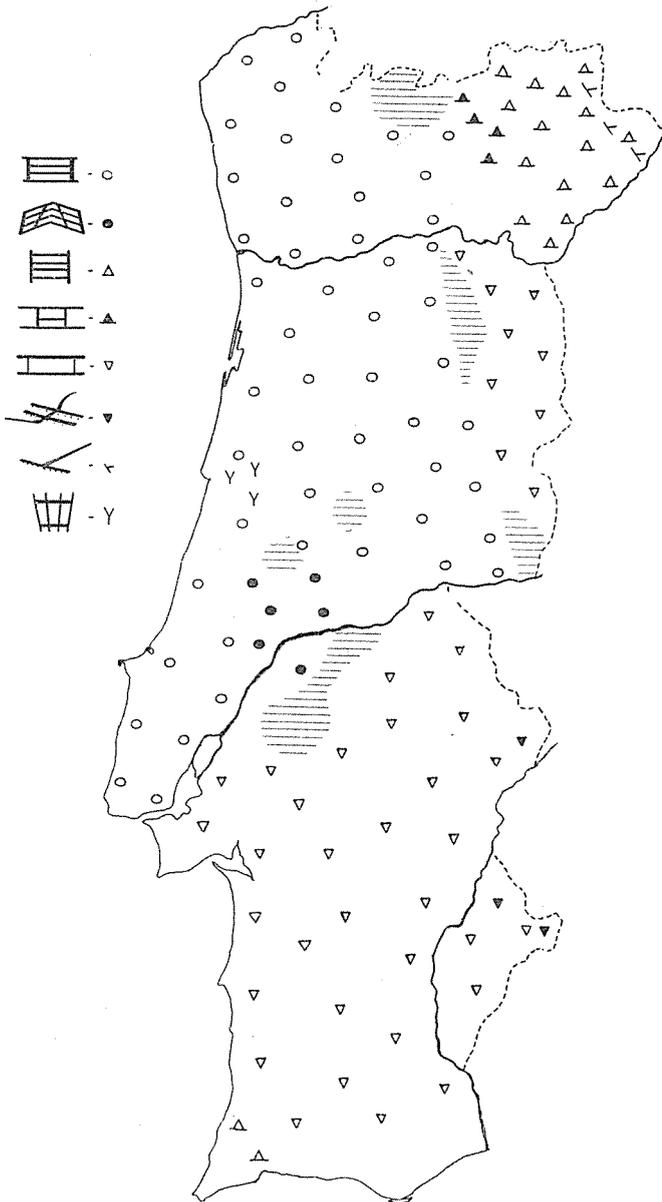
Apenas conhecemos a grade de Cinfães como exemplar especialmente construído para ter varas atadas. Mas pelas referências atrás citadas, podemos crer que o seu uso deva ter sido, e porventura ainda o é, frequente em outros locais das Beiras, que desconhecemos.

---

(1) Ruy Mayer — *Ob. cit.*, pág. 184.

(2) Jaime Lopes Dias — *Etnografia da Beira*, v, págs. 44-45.

Mapa de distribuição das grades portuguesas



Nas zonas tracejadas abundam os casos de hibridismo